MORAIS LEITÃO GALVÃO TELES SOARES DA SILVA

ID: 45421097

29-12-2012

Tiragem: 27259
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 14
Cores: Cor
Área: 17,01 x 29,17 cm²
Corte: 1 de 1

CORPO DE DELITO

Justiça, Bach E Bollywood

Tal como em muitos filmes de Bollywood, em várias leis as coisas poucas vezes passam da superficialidade. Quando se anuncia um beijo, alguma coisa interrompe

Rui Patrício

Se Mario Vargas Llosa, nas várias vezes que passou por Portugal, tivesse dado atenção aos assuntos da justiça, provavelmente não diria o que diz sobre a cultura e a civilização do espectáculo, e ter-nos ia poupado ao pessimismo do seu recente livro. O escritor peruano sofre com a degradação da cultura e com o triunfo do espectáculo e do entretenimento, que tomam conta das massas – acríticas e apegadas ao fácil, ao superficial e ao rápido. Quanto às elites, Llosa não se mostra optimista, embora não tenha abandonado de todo a esperança de que esteja nelas – para quem parece querer reservar a "alta cultura" – a redenção. Pobre Llosa, como está enganado. Tivesse prestado atenção à nossa justiça, e outro galo cantaria; não sei se seria mais ou menos pessimista, mas veria, por certo, as coisas de outra forma.

Veria que o nosso cidadão comum (designação politicamente menos incorrecta para massas, povo, etc.) é versado em Bach, apreciando e cultivando especialmente as "Variações Goldberg". No caleidoscópio de diagnósticos, prognósticos e opiniões sobre a justiça (tema predilecto e afrodisíaco, que rivaliza com telenovelas e reality shows), todo o cidadão comum sabe dizer o que está mal e sabe dizer o que é preciso para melhorar: o que está mal é a pouca-vergonha e o que há a fazer é acabar com a pouca-vergonha. Seja qual for a questão (das gerais às particulares, das corriqueiras às dramáticas, das insossas às picantes), e seja qual for o cidadão questionado, as respostas saem sempre, mais ou menos, as mesmas: pouca-vergonha. Como naquela obra de Bach para cravo, temos a exposição de uma ária de abertura e, depois, variações sobre ou a partir do mesmo tema.

Quanto às elites, tomemos o exemplo do legislador. Este prefere entretenimento e espectáculo, e deve ser assíduo frequentador, por exemplo, dos filmes de Bollywood. O nosso legislador, quando legisla sobre a justiça (criminal, principalmente), muitas vezes embarca na ficção e na fantasia, e faz um filme longo, não raro aborrecido, onde mistura drama, acção, romance, comédia e, sobretudo, musical. Frequentemente, a obra sai-lhe de gosto duvidoso, a puxar ao popularucho, e logo no início adivinha-se quem é o herói, quem é o vilão e quem vai ficar com a rapariguinha no final. Mas as massas parecem gostar, produz-se muito e enche-se o Diário da República. E, tal como em muitos filmes de Bollywood, em várias Leis as coisas poucas vezes passam da superficialidade; quando as coisas estão prestes a ir mais longe, quando se anuncia um beijo, alguma coisa interrompe: chega alguém, acontece algo, desperta-se de um sonho ou irrompe um número musical e coreográfico de encher o olho. Não passamos do quase-beijo, e quanto a um envolvimento maior ou mais profundo, nem pensar. A música e a coreografia impõem-se. O pensamento – como diz Llosa – tem pouca vigência na civilização do espectáculo. E parte destas leis é feita para ser consumida, e não dura muito mais que um sabonete ou uma gasosa.

Advogado. Escreve ao sábado

Mario Vargas Llosa sofre com a degradação da cultura MARCELO DEL POZO/REUTERS